

Investimento Empresarial e o Crescimento da Economia Portuguesa

O investimento em Portugal iniciou uma trajetória negativa logo à entrada nos anos 2000. Nos últimos anos, a taxa de investimento tem estado entre as mais baixas da Área do Euro e em valores mínimos das últimas décadas. Estes factos ilustram a dimensão estrutural dos fatores que influenciam o desempenho da economia portuguesa e do investimento.

Na origem da longa estagnação da economia portuguesa estão as políticas públicas e as opções de atribuição de crédito pelo sistema financeiro que direcionaram os recursos da economia para sectores não transacionáveis, com reduzido potencial de crescimento. A insistência num modelo de desenvolvimento que tinha sinais evidentes de esgotamento pode ficar na história como um erro estratégico de grandes proporções.

Aumentar o produto potencial da economia e retomar o processo de convergência para os níveis de rendimento dos países mais ricos implica dirigir os recursos (hoje mais escassos) para os sectores transacionáveis com maior potencial de crescimento da produtividade. A entrada num novo ciclo virtuoso passa pelo aproveitamento das oportunidades criadas pela revolução tecnológica em curso e pelas mudanças na natureza da globalização.

Para além de medidas que reforcem a confiança dos investidores na sustentabilidade das finanças públicas e que possibilitem melhorias na competitividade fiscal, a qualificação dos recursos humanos, que responda às necessidades da nova economia, é o elemento chave para a atração de investimento produtivo.

Apesar da melhoria na condição financeira das empresas nos últimos anos, o elevado endividamento constitui um entrave à realização de investimento. No entanto, os nossos resultados sugerem igualmente que a dimensão do fenómeno das empresas *zombie* – empresas que não conseguem cumprir as suas obrigações financeiras, mas que se mantêm vivas com o apoio dos bancos – afeta uma parte muito significativa das empresas, reforçando a ideia de que o setor financeiro teve e tem um problema na afetação do crédito. Esse problema reflete-se no baixo crescimento da economia portuguesa. A transformação estrutural necessária ao aumento do produto potencial requer que os recursos financeiros sejam afetados aos setores e às empresas mais dinâmicos. O prolongamento artificial da vida de empresas inviáveis pelos bancos constitui mais um obstáculo à necessária transformação estrutural da economia.

Numa economia com baixas taxas de crescimento do produto potencial e com uma dinâmica demográfica negativa, o crescimento das empresas terá necessariamente de assentar nos mercados externos. De facto, na análise que fazemos às características das empresas mais dinâmicas, destacam-se as empresas exportadoras. De entre estas, salientam-se as empresas que pertencem ao setor da indústria transformadora e que investem em I&D. Se o investimento fluir para projetos produtivos com estas características, a alteração estrutural da economia terá lugar e a economia poderá voltar a apresentar taxas de crescimento elevadas. Para que tal aconteça, as políticas públicas e as políticas de atribuição de crédito têm de estar orientadas para os sectores mais dinâmicos e com maior potencial de crescimento.